

## Repensar Portugal - diálogos sobre identidade e atraso<sup>1</sup>

Prof. Dr. Paulo Ferreira da Cunha  
Catedrático da Universidade do Porto  
lusofilias@gmail.com

**Resumo:** A autognose é um exercício a que os países se entregam em situações de crise. Não é líquido, aliás, que a crise não seja algo de permanente, afora raras idades de ouro. Portugal tem uma longa história de reflexões sobre si. Mas nem sempre tem fugido a alguma idealização do que são os portugueses e do seu papel. Depois das clássicas visões de Antero de Quental e de Teixeira de Pascoaes, por exemplo, e da "psicanálise mítica do destino português" de Eduardo Lourenço, o sociólogo Fernando Pereira Marques lança um olhar sem nuvens sobre o que os portugueses têm sido. Especialmente sobre as causas do proverbial "atraso" nacional...

**Palavras Chave:** *Ethos, Habitus*, Portugal, Atraso, Desenvolvimento, Modernidade, Modernização

**Abstract:** Self-knowledge is an exercise that countries in crisis situations use to cherish. It is not clear, moreover, that crisis is not something permanent, apart from rare golden ages. Portuguese people has a long history of thinking about themselves. But not always have escaped from some idealization of what they are the what and their role should be. After the classical visions of Antero de Quental and Teixeira de Pascoaes, for example, and the "mythical psychoanalysis of Portuguese fate" due to Eduardo Lourenço, the sociologist Fernando Pereira Marques takes a lucid and unclouded look over what the Portuguese have been. Specially reflecting upon the causes of the proverbial national "underdevelopment".

**Keywords:** *Ethos, Habitus*, Portugal, Underdevelopment, Development, Modernity, Modernization.

### 1. Introdução: A Questão Editorial

Saem diariamente cada vez mais livros. Dir-se-ia de geração espontânea, porque se não vêm por aí tantos escritores. Esse o problema de raiz. Poderia assim concluir-se que a cultura progride, e que o livro resiste bem aos audio-visuais, e até ao *e-book*<sup>2</sup>.

Ledo engano. Apesar deste progresso numérico, a qualidade (e até a escolha dos temas: pois nem todos têm a mesma dignidade) baixou muito. O nosso rotineiro passeio pelas poucas livrarias que ainda resistem às dos *shoppings* (e que nos levam a a essas igualmente percorrer) é cada semana mais deprimente. Mesmo em Paris, nossa Meca da cultura europeia e clássica, até velhas livrarias começam a ser invadidas por coisas feitas de papel volumosas e de capas berrantes, para consumir em aeroportos, praias, e metros, com muita acção, sangue, sexo e lágrimas. Certamente fruto de algum suor (*perspiration*), mas com muito pouco sumo e inspiração (*inspiration*).

Obviamente que as famas, e mesmo a simples publicação, são ditadas por razões quase sempre meramente comerciais, e é milagre que ainda resistam génios e talentos publicados, e mais milagre ainda que tenham boa imprensa (e sobretudo boa televisão). Ter público e sucesso é o cúmulo dos milagres, a que só mesmo ungidos podem aspirar.

---

<sup>1</sup> Texto baseado na nossa intervenção (e daí algumas marcas de oralidade, que achámos por bem não alterar) na sessão de apresentação do respectivo livro, no dia 3 de Dezembro de 2010, em Lisboa, na Fundação Mário Soares, e foi seguida de uma outra apresentação, do Professor Eduardo Lourenço. À sessão presidiu o Senhor Doutor Mário Soares, encontrando-se ainda na mesa a editora, Dr.<sup>a</sup> Natacha Serrão, e o autor, que no final teceu algumas considerações. Omitimos, como é óbvio, as palavras iniciais de agradecimento e saudação, e repensámos e desenvolvemos os tópicos então utilizados.

<sup>2</sup> Do qual contudo somos adepto, pois permite acesso a clássicos gratuitamente. Já temos lido e relido bastantes.

Graças à persistência de trabalhadores intelectuais que investigam e escrevem como quem respira, e à generosidade de editores de rasgo, que não visam apenas o vil metal, mas têm gosto em apostar na qualidade, de vez em quando, na multidão de papel, surgem obras de grande valia. O problema é como fazê-las sobressair perante a multidão das mediocridades, e a boa crítica asfixiante de tudo o mais, de que gozam os *happy few* fadados pelo bom destino.

Falemos de um desses livros que merecia ser conhecido, e deveria ser lido, meditado, e discutido, para tirarmos lições.

## 2. Preocupação por Portugal

O Professor Doutor Fernando Pereira Marques, da Universidade Lusófona de Lisboa e do Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa – é pelo autor que se deve, neste caso, começar, tanto o estilo (que é *l’homme même*, segundo Buffon) marca o tema e o seu desenvolvimento – condensa em *Sobre as Causas do Atraso Nacional*<sup>3</sup> as suas principais preocupações por Portugal.

Não poderia haver publicação mais oportuna, em tempo não só de crise múltipla, mesmo de alarmismo crítico agigantado pelos *media*, e de algumas vacilações identitárias por parte de alguns. É preciso *repensar Portugal*, mas sabendo realmente o que ele é, pelo que tem sido. E este livro é uma vasta e documentadíssima reflexão, uma *preocupação por Portugal* não assente em impressões e preconceitos, mas em dados e em testemunhos eloquentes e credíveis.

Como se sabe, o tema é muito glosado em Espanha, naturalmente *pro domo*: fala-se em *Precupación por España!* (e por vezes essa solicitude a nós mesmo se estende...)⁴. Mas é também género literário de pendor ensaístico em que temos tido relevantes nomes, e, desde logo, aí sobressai, mais recentemente, o nome do Professor Eduardo Lourenço, que há uns anos deu a lume um primeiro clássico (cremos que este novo livro também o será) sobre a matéria: *O Labirinto da Saudade. Psicanálise Mítica do Destino Português*⁵.

Muitos mais houve, mas talvez sejam significativamente ilustrativos dos clássicos mais antigos apenas dois: a conferência do casino de Antero de Quental, *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares*⁶, e, noutra clave, a *Arte de ser Português*, de Teixeira de Pascoaes⁷ – dois paradigmas de estilo bem diverso. O autor não é de modo algum indiferente a qualquer destes, e com eles dialoga, explícita e implicitamente.

Aliás, com todos os que anteriormente com Portugal também se preocuparam, de forma mais emotiva ou mais racional (ou com praticamente todos, se quisermos nós, com excesso de zelo, precavermo-nos de alguma omissão que não cremos que haja), dialoga abundantemente o autor, que dá mostras de enciclopédicas referências. Não o dizemos porém “erudito”, porque a erudição é, entre nós, frequentemente, o tapar o sol das ideias com as lunetas das opiniões e das minudências micro-factuais. Sabemos como os factos podem ocultar as verdades...

---

<sup>3</sup> PEREIRA MARQUES, Fernando — *Sobre as Causas do Atraso Nacional*, Lisboa, Coisas de Ler, Dezembro de 2010.

<sup>4</sup> Miguel de Unamuno, que precisamente escreve, em 1895, um *En torno al casticismo*, chega a dizer: “¡Me duele España!”.

<sup>5</sup> LOURENÇO, Eduardo — *O Labirinto da Saudade. Psicanálise Mítica do destino Português*, Lisboa, Dom Quixote, 1978.

<sup>6</sup> QUENTAL, Antero de *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares*, 6.ª ed., Lisboa, Ulmeiro, 1994.

<sup>7</sup> PASCOAES, Teixeira de — *Arte de Ser Português*, nova ed. com prefácio de Miguel Esteves Cardoso, Lisboa, Assírio & Alvim, 1991.

### 3. Os Diálogos

O livro é, de resto, a nosso ver, antes de mais, um múltiplo diálogo. E de diálogo precisamos nós, diálogo autêntico, a muitos níveis – não de justapostos monólogos:

1. Diálogo do autor com muitos outros, de várias épocas e quadrantes, que cita generosa e rigorosamente, em passagens por vezes de uma actualidade impressionante, outras vezes em trechos chocantes pela sua cegueira, outras ainda dizendo verdades como punhos, e finalmente mais uns tantos perante os quais é irreprimível o sorriso, ou até a gargalhada, tal a comicidade que patenteiam – a diversos títulos.

2. Diálogo do leitor consigo mesmo. Porque não é ao acaso ou de ânimo leve que se lança mão a uma empresa ambiciosa e perigosa como esta. Tal há-de partir de um imperativo de consciência e de acção cívica (pensar é agir). E sempre aferida pelo perguntar-se e o responder-se...

Logo no início do livro, há uma referência introspectiva, que nos dá o tom de um ritmo certamente menos explícito mas também condutor da obra:

“Da escola primária guardo na memória, com alguma nitidez, além do sentimento exaltante de progressiva conquista do mundo que se escondia por detrás das palavras escritas, a angústia e o temor provocados pelos métodos de ensino então praticados. Nenhum dos professores que tive (foram vários) me deixaria outra recordação senão a da autoridade exercida pelo recurso à punição física ou à ameaça de a efectivar. Autoridade era, aliás, a palavra mais repetida nos livros de leitura. (...)” (p. 21).

E, muito mais além na obra, o autor recorda o atrao geral ainda sentido pelos que nasceram nos anos 40, em que se inclui – embora nuns anos 40 tardios, diga-se em abono da sua juventude cronológica, que da de espírito há - desde logo neste livro – sobejas provas.

3. O autor dialoga consigo mesmo e dialoga connosco, seus leitores e virtuais (e reais) interlocutores. E o diálogo culmina com algumas certeiras interrogações. A que não estamos dispensados de dar resposta, nós.

Desde logo, a questão central, repetida no final:

“(...) em última instância, o que é que de facto está na origem da riqueza e da pobreza das nações?” (p. 366).

A resposta a isso, hoje, seria talvez desconsertante, atento o complexo comportamento das finanças internacionais e a sua influência na riqueza. A riqueza passa a ser um fenómeno mediático e especulativo?

Ora não deixa o autor, na sua matizada explicação, de citar a relativa convergência entre Adam Smith e Karl Marx: para eles, trabalho, sua divisão, mercado, e estrutura social eram factores decisivos.

Mas o diálogo chega a ser realmente monólogo em voz alta, convocando a nossa ainda que surda participação:

“Esta visão economicista que virá influenciar de forma decisiva toda a reflexão contemporânea sobre a questão da riqueza e da pobreza das nações, não responde a muitas interrogações que ficam a montante: porque é que, na sequência de todo um longo processo histórico, a maior percentagem da riqueza, fruto do trabalho, se viria a acumular na Europa e, depois, nos seus prolongamentos civilizacionais surgidos no continente americano? E porque é que, mesmo no velho continente, há uns países mais ricos do que outros, por vezes depois de terem durante séculos ocupado estádios similares, ou até inversos, de desenvolvimento? Porque é que África, donde parecem ter vindo os nossos primeiros ascendentes homínidos, imenso continente cheio de potencialidades, inclusive em riquezas naturais, ocupa, em termos gerais, o lugar que ainda hoje ocupa no que se refere à pobreza e ao sofrimento humano? Porque é que foram os brutais conquistadores espanhóis, na senda da rota aberta por Colombo, a destruírem as civilizações ameríndias e não o inverso? Porque é que não foram as milenares civilização chinesa ou hindu a expandir-se e a dominar o Ocidente? Porque é que as civilizações mesopotâmicas, graças às quais a escrita viria a sinalizar o início do tempo histórico, entraram no torvelinho regressivo que conduziu essa região à situação em que está actualmente?” (pp. 366-367).

#### **4. *Ethos* ou *Habitus*?**

Há nesta *démarche* dialogante – que vai *ab imis fundamentis* – uma vivência intelectual (não uma mera “postura” – horrível palavra do corrente léxico de plástico e amianto para “posicionamento” ou “atitude”) concreta do pensamento crítico (não dogmático). Aliás, o livro começa logo com um rasgo de racional questionamento das visões mais idealistas, românticas, mitológicas, “casticistas”, que apelam para uma essência nacional – por vezes meramente a evocam sem quase nada nos esclarecerem sobre o seu conteúdo ou substância – e que assim desembocariam, na prática, em “arte de ser português”, como o título de Pascoaes.

Esta discussão, no nosso modesto entender, levada ao absurdo, isto é, às mais radicais consequências da lógica, conduzir-nos-ia certamente à conclusão de que haveria um tipo-ideal português, o qual, contudo, anda decaído, de há muito (sempre?) nesse mesmo português atrasado. Ou seja, o nosso *habitus* não seria o nosso *ethos*. O autor, porém, prefere estudar o *habitus* a enaltecer o *ethos* perdido, ou efabulado... É verdade que é perigoso viver de um *ethos* mitificado, mas é preciso coragem para enfrentar o *habitus*. É essa coragem de desvendar mistificações que este livro tem.

O levantamento e o diálogo crítico com os idealismos e casticismos é muito revelador de um elemento muito significativo, do domínio *ideológico* e das *mentalidades*.

Não revelando a consciência que temos de nós, a nossa autognose, que, como bem diagnosticou Eduardo Lourenço no seu citado ensaio, oscila esquizofrenicamente entre exaltação e depressão, auto-estima e auto-flagelação. Mas fornecendo preciosos elementos para uma análise da nossa “ideologia nacional”, como nossa falsa e mítica consciência.

O que não quer dizer – compliquemos um pouco as coisas – que, na imagem do que gostaríamos de ser (à mistura com elementos que deploramos possuir – como os ditos “defeitos” dos Portugueses, a que Pascoaes não foge), não estejam em espelho

(*per speculum*) e em enigma (*in aenigmate*), alguns elementos do que, mais prosaicamente, *temos vindo a ser*. Diferente do que em abstracto e em absoluto fôssemos, como “arquétipo”.

A leitura saborosa deste livro – recordemos que a própria sapiência é *sapida scientia* -, “salgada” com documentação textual e gráficos quantitativos que dão a dimensão concreta, os dados, esta leitura com sabor e saber pode ocultar a malha teórica finíssima, mas firme e segura sobre que se constrói. Feliz, porém, o livro que consegue plúrimas e confluentes leituras, e também públicos.

O autor não deixa de dialogar explicitamente com a “consciência colectiva” de Durkheim (p. 39) e a “memória colectiva” de Maurice Halbwachs e Michel Vovelle (p. 40). E, naturalmente, com o magno problema da ideologia, da história das ideias e das mentalidades.

## 5. O Plano e o Desenvolvimento

A obra, apesar de o autor ser de formação académica afrancesada<sup>8</sup> (como nós também, pelo menos por metade) contudo não segue os rígidos ainda que sedutores planos gauleses, e apresenta um livro com mais de acordo com o pretenso ethos académico nacional. Em que alguns vêm barroco, mas em que nós vemos apenas uma não fuga à complexidade.

Se não, vejamos:

Numa *Introdução* convoca a tríade “Deus, Pátria, Família”, “mais um”: “Autoridade”. E não deixa aqui de, muito a propósito – porque são essas as memórias que mais ficam, as do simbólico – evocar as canções fascistas para os jovens. De que ainda temos pessoalmente reminiscência. Era outro mundo, e a sua outra estética dele dava nota imediatamente. Esses hinos da “Mocidade Portuguesa” (de que não fizemos já parte, mas que se cantavam mesmo na nossa escola privada... decerto “just in case”...) eram *tout un programme*...

Não deixa ainda de recordar os livros de texto da instrução primária salazarista, há uns anos aliás reeditados, e – sinal de perigo – êxito de vendas!? Como é interessante que, de entre os vários valores (ou pseudo-valores) que aí se procuram inculcar às crianças (mesmo ao contrário do fascismo italiano) não esteja presente aí o da Liberdade. Claro que a “liberdade fascista”, vera *contraditio in terminis*, era outra coisa... mas, por aqui, nem a palavra...

Após a *Introdução*, quatro partes: I. A arte de ser português, II. Cultura, religião, mentalidades, III. Sociedade e Economia, IV. Mudança e *Modernização*.

E aqui importa uma especificação “técnica” do que por modernidade deva entender-se:

“ou, dito de outro modo, a modernidade corresponde a um vasto processo de racionalização, o que passa pela dessacralização do real, pela afirmação do pluralismo de valores, pela emancipação dos indivíduos em relação ao peso da tradição. Fenómenos que são acompanhados pela construção do Estado moderno, o qual (...) constitui uma forma legal de dominação que se sobrepõe às formas de dominação tradicional, o que se revela através de uma burocracia institucionalizada e de um sistema complexo de leis gerais e abstractas.”(p. 302).

---

<sup>8</sup> É, desde logo, Doutor de Estado em Sociologia pela Universidade de Amiens.

Este é só o princípio, em alguns pontos com assumida inspiração weberiana. Mas o autor continuará...

E finalmente, uma *Conclusão*, em que se faz um bem temperado (e original) *elogio* do Velho do Restelo e se colocam algumas das já referidas questões sobre pobreza e riqueza das nações.

É claro que esta obra não é uma tese académica, embora das boas teses – podemos afirmá-lo pelos ossos do nosso ofício – tenha todas as boas características. Mas ainda bem que não é uma tese, porque, que saibamos, ninguém alguma vez ficou célebre por tal escrito... Como as boas teses, porém, e como diria Umberto Eco<sup>9</sup>, ela também é como um porco: nela tudo se aproveita.

Pessoalmente, vamos submetê-la a “fichamento” cerrado, extrair-lhe as citações saborosíssimas, vamos aplicar-nos a ler a vasta e muitas vezes rara bibliografia em que documenta os seus juízos.

Mas não quereríamos terminar sem dar a nossa leitura deste estudo, com alguns dos que consideramos serem seus pontos altos.

## 6. Algumas (Hipó)Teses

Creemos que o autor sintetizou, fundamentou e desenvolveu, numa teórica harmónica e documentada, traços não do ser ou natureza dos portugueses, mas do seu modo-de-ser, diriam alguns “decaído”, outros apenas “não desenvolvido”. Os mais optimistas, “em vias de desenvolvimento”... E tal traduz-se em subtítulos que podem parecer simplistas mas que encerram muitos materiais a ponderar. Síntese nossa:

- 1) A facilidade e a degradação dos costumes.
- 2) A repugnância pelo trabalho.
- 3) A mania nobiliárquica – é sempre bom lembrarmos o velho Clenardo<sup>10</sup>, e o autor fá-lo.
- 4) Um certo modo de ser (pelo menos em alguns) etnocêntrico e intolerante (as páginas aqui dedicadas à Inquisição e à perseguição dos judeus são muito eloquentes, impressivas – deveríamos preservar essa memória, para não correremos o risco de repetir erros velhos.
- 5) O incivismo ou falta de civilidade (que seria visíveis até na relação com o direito).
- 6) O empenho, vulgo “cunha”, e a corrupção.

A estes e outros graves factores mentais de atraso (atraso antes de mais espiritual e mental, mas também social, e depois económico, por conclusão), juntaríamos elementos estruturais, que aqui e ali se repetem ou interseccionam:

- 1) A dependência dos fumos e miragens da Índia, a política de transporte e não de fixação e desenvolvimento. E o conseqüente despovoamento. O qual teria levado – esta história não vem no livro - um professor de genética (decerto mítico) a afirmar que todos os nossos problemas de atraso da sua área relevariam: pois os bons portugueses, os de boa cepa, ou morreram na nossa *história trágico-marítima* ou ficaram pelo além-mar da diáspora. Seríamos, pois, descendentes de inválidos e timoratos, e de um ou outro “velho do Restelo”...

---

<sup>9</sup> ECO, Umberto — *Como se faz uma Tese em Ciências Humanas*, 3.<sup>a</sup> ed. port., Lisboa, Presença, 1984.

<sup>10</sup> Julgamos que quem o divulgou primeiramente em Portugal terá sido: CEREJEIRA, Doutor M. Gonçalves — *O Renascimento em Portugal*. I. *Clenardo e a Sociedade Portuguesa*, 4.<sup>a</sup> ed., revista, Coimbra, Coimbra Editora, 1974. E o retrato que Clenardo faz dá que pensar...

2) A sufocação da alma – a expressão é nossa – produzida pelo Santo Ofício, império no império, Estado no Estado, totalitarismo persecutório interesseiro e argentário, fomentador da delacção e da paralisia do rasgo, do pensamento, da iniciativa. Além de fomentador-mor da mentalidade mesquinha e invejosa, culpabilista e acusatória que ainda nos persegue e emerge a cada descuido.

Ainda há, ainda por vezes com eles topamos, rostos torturados pelo ódio (e outros pela culpa), ávidos de vinganças ancestrais, que parecem reencarnar o Grande Inquisidor. Esta última reflexão é só nossa; cada um dirá da sua experiência...

3) Uma situação educativa de sucessivas tentativas de reforma, com recuos nos momentos autocráticos, mas que nunca atingiu, apesar de sucessivos esforços liberais, republicanos e democráticos (pós-25 de Abril), as metas necessárias. E mesmo agora revela riscos e debilidades, que o autor encara com desassombro, pondo o dedo nas várias feridas.

4) Dependência do exterior (recordando, por exemplo, a crónica questão do trigo e as relações, ao longo dos tempos, com a nossa “mais velha aliada”, muitas vezes “tutora”.

5) O escasso investimento nas Pessoas, hoje ditas, tecnocraticamente, “recursos humanos”, e o atraso técnico e tecnológico.

## 7. Conclusão: O Livro, os Livros, e a Prática

Entre outros estudos, Pereira Marques já nos tinha dado reflexões profundas – entre outras mais – sobre a instituição militar<sup>11</sup> (única que, de algum modo, conseguiria, em certa altura, modernizar-se entre nós), sobre a cultura<sup>12</sup>, e sobre essa ainda hoje fascinante e um tanto enigmática revolução – ao menos revolução cultural – que foi o Maio de 68<sup>13</sup>, que teve a sorte de viver, como protagonista, em Paris.

O seu anterior livro fora um *Esboço de um Programa para os Trabalhos das Novas Gerações*<sup>14</sup>. Ao terminarmos a leitura desta nova obra é a esse mote anterior que regressamos.

Um somatório de factores são causas do nosso persistente atraso, como hoje do estarmos na mira da falência internacionalmente decretada.

Não chega para a superação dos males, para a *emenda do reino velho* (lembrando o clássico Ribeiro Sanches, que chegou a médico da czarina da Rússia), “um simples voluntarismo político-retórico, economicista ou tecnológico-tecnocrático” (p. 369), como o autor bem adverte, prevenindo tentações que teimam em pairar em tempos destes.

O livro, contudo, não nos deixa na desesperança.

Perante a aversão ao trabalho, dá-nos ganas de trabalhar ainda mais. E há em Portugal que trabalhe muito, e nem por isso seja recompensado.

Perante a mania nobiliárquica (que revivesceu recentemente, em pleno ano de centenário da implantação da república), firma-nos na nossa convicção republicana. A qual necessita de se afirmar não pela retórica passadista mas pela prática de uma ética republicana, de serviço e honradez.

---

<sup>11</sup> PEREIRA MARQUES, Fernando — *Exército e Sociedade em Portugal*, 2.º ed., Lisboa, Alfa, 1991; Idem — *Um Golpe de Estado. Contributo para a Questão Militar no Portugal de Oitocentos*, Lisboa, Fragmentos, 1989; Idem — *Exército, Mudança e Modernização na Primeira Metade do Século XIX*, Lisboa, Cosmos / Instituto de Defesa Nacional, 1999.

<sup>12</sup> Idem — *De que Falamos quando Falamos de Cultura*, Lisboa, Presença, 1995.

<sup>13</sup> Idem — *A Praia sob a Calçada*, Lisboa, Âncora, 2005.

<sup>14</sup> Idem *Esboço de um Programa para os Trabalhos das Novas Gerações*, Porto, Campo das Letras, 2007.

Perante o obscurantismo inquisitorial, lembra-nos que hoje vivemos em liberdade e em pluralismo, que devemos defender, incómoda e diuturnamente. E ajuda-nos a reconhecer, sob outras capas, o avatar da mentalidade inquisitorial, que teima em persistir.

E quando vemos o rol de problemas já antigos, na técnica, na economia, nas finanças, nós, que disso nada entendemos, não se nos tira da cabeça que havemos de encontrar ciência para avaliar e mão para concretizar. Alguém as terá. Não um salvador providencial (sempre candidatável a ditador, ainda que ditador pseudo-democrático), mas um punhado de gente livre, de saber e de bem.

Depois do império desfeito, esta pode ser a nossa última oportunidade de fazer Portugal em Portugal.

Pereira Marques de novo nos ajuda a tanto, com o seu honesto estudo e a sua clara lucidez.

Recebido para publicação em 07-01-11; aceito em 17-01-11